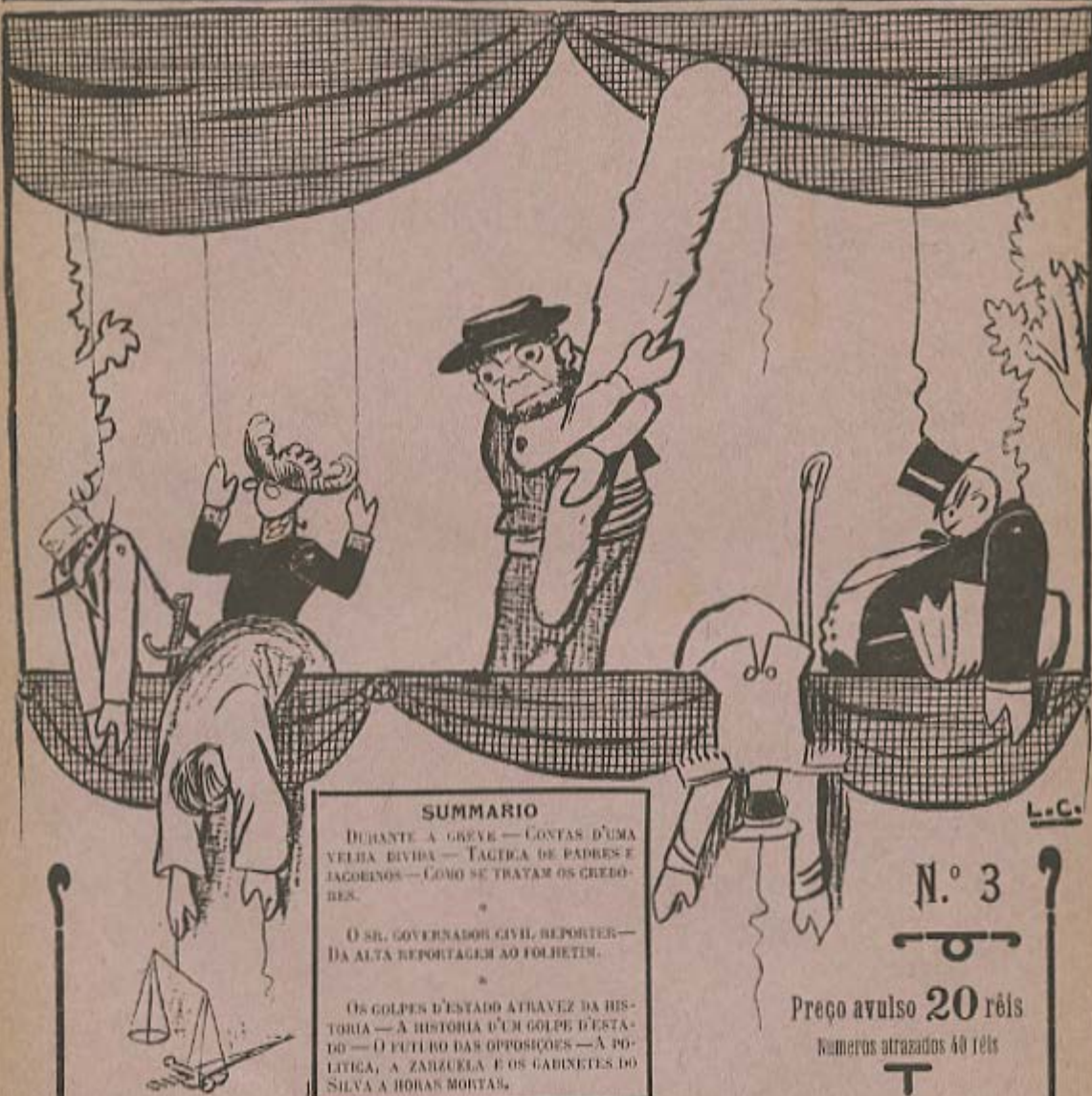


FANTOCHES



SUMMARIO

DURANTE A GREVE — CONTAS D'UMA VELHA BÍBIA — TAGIEIRA DE PADRES E JACOINOS — COMO SE TRATAM OS CREDORES.

O SR. GOVERNADOR CIVIL, REPORTER — DA ALTA REPORTAGEM AO FOLHETIN.

OS GOLPES D'ESTADO ATRAVEZ DA HISTORIA — A HISTORIA D'UM GOLPE D'ESTADO — O FUTURO DAS OPPOSICOES — A POLITICA, A ZARZUELA E OS GABINETES DO SILVA A HORAS MORTAS.

N.º 3

Preço avulso 20 réis

Numeros atrasados 40 réis

Lisboa 27 de janeiro de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao **DIRECTOR e EDITOR Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO
LIVRARIA VENTURA ABRANTES
80, Rua do Alecrim, 82 — LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e impresso na **IMPRENSA PROGRESSO**
Calçada S. Francisco, 23 — Lisboa

O JACOBINO

Romance d'actualidade

de

Rocha Martins

É posto brevemente á venda

Rocha Martins

N.º 3

FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos
politicos

27 de Janeiro de 1914

SUMMARIO

DURANTE A GREVE — CONTAS D'UMA VELHA DIVIDA — TACTICA DE PADRES E JACOBINOS — COMO SE TRATAM OS CREDORES.

*

O SR. GOVERNADOR CIVIL REPORTER — DA ALTA REPORTAGEM AO FOLHETIM.

*

OS GOLPES D'ESTADO ATRAVEZ DA HISTORIA — A HISTORIA D'UM GOLPE D'ESTADO — O FUTURO DAS OPPOSIÇÕES — A POLITICA, A ZARZUELA E OS GABINETES DO SILVA A HORAS MORTAS.

Director e Editor — ROCHA MARTINS

Propriedade da empresa dos Fantochoes

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES

Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO

Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Acabou a gréve dos ferro-viarios e a tentativa esboçada d'um abandono geral dos trabalhos das outras classes foi apenas um gesto lento como d'um braço anemísado a querer esgrimir.

No entanto pelas manhãs regelantes diante do Arsenal, das linhas ferreas, das fabricas, das officinas os grupos ao começo compactos, pareciam promptos a uma demorada resistencia. Duro apenas horas esse ar de força; foi um impulso não podia ser uma batalha.

O operario como de resto todas as classes portuguezas padece d'um defeito comum: desorganisação.

Não caminha ninguem para um fim com a consciencia segura de o alcançar; espera-o do acaso, do destino, da aventura.

E' tudo theorico governos, exercito, clero, justiça, parlamentos, grandes nomes com que se forma um arremedo de nação, balofos como *superavits*, d'uma pimponice d'instantes como se quizessem estes pygmios vestir-se em armaduras de gigantes.

Os governos parecem fortes enquanto os soldados fazem as suas continencias, os policias lhes sorriem servilmente, os magistrados, receosos de perderem a sua comodidade burgueza, lhes sacrificam as leis e seis duzias d'automatos se levantam e sentam ao piscar d'olho do *grande chefe* que como nos somalis e nos botucudos, é o dono do rebanho.

Mas um dia estalam quatro bombas de dynamite, ouve-se um rumor de artilharia, move-se uma parcella minima de crentes ou de audazes e logo as maiorias actuam e o *grande chefe* vae de cambalhota sem ter quem dispare por sua causa dois tiros. O exercito lindo nas paradas com os seus penachos, os seus galões, as suas espadas luzentes constitue um todo em que as hierarchias são respeitadas enquanto uma ou duas companhias revoltas não ficam pé n'um monte ou nas embocaduras de duas ruas. O resto paralysa-se immediatamente e como nas madrugadas da revolução que vimos sempre alvorecer, embora mais no coração da Baixa que os caudilhos dominantes hoje, os soldados teem bocejos de somno e os chefes descorados e languidos mostram a tez macilenta de quem soffreu uma grave indisposição de estomago. O clero imponente

nas procissões com as suas estolas, as suas batinas, as nuvens d'incenso em roda ao serem ameaçados os seus altares, os lugares onde oraram a um Deus, safralda as vestes e vae-se de corrida abandonando as hostias esconder-se, não como nos tempos primitivos do christianismo para pregar uma nova revolta ou deixar-se immolar mas para calar protestos uma parte, ao passo que a outra deixando crescer as barbas se arregaça a servir para não lhe faltar as ignarias na mesa.

A justiça—essa tem a desculpa de ser cega—acceita a mão guiadora que a conduz e os parlamentos—agglomerado d'automatos—dispersam-se ou submettem-se depois d'um berreiro escolastico—á ameaça de qualquer senhor das maiorias. As maiorias essas são fantoches a quem se pede que estejam de pé ou sentadas a troco de mais uma sopa na gamela de mendigos que trazem sempre estendida.

D'esta subserviência a que se pode chamar cobardia collectiva, nasce uma atmosphera de bandalheira na qual se contamina todo um povo. Os que escapam a essa epidemia morrem estiolados entre os apupos da turba guindada e egoista como os condemnados n'um circo d'outras eras.

O que nas classes preponderantes é um aviltamento, no povo é apenas um reflexo d'essa situação moral. Elle, — viu-se agora — tenta mover-se mas paralysa-se como um coxo a quem partissem as muletas.

A grêve vencida é um producto d'essa desorganizada machina proletaria. Não queremos saber se tinham razão os grévistas apenas sentimos a triste, a horrivel, a desgraçada forma porque acabaram.

Os vencidos sejam um rei a quem roubaram um throno sem que os seus fieis façam diante d'elle uma muralha dos seus peitos ou sejam operarios a quem uma força cerca e conduz como uma manada sem que a revolta estale merecem sempre um commovido olhar de compaixão, Não são homens que se inutilisam; são Causas que se perdem.

*

Todos estes movimentos de trabalhadores em Portugal se filiam na maneira progressiva que vae pelo mundo de cada um conquistar a maior parcella de bem estar a troco do seu trabalho. E' a justiça do pobre que vem desde o começo do mundo, desde a hora em que um homem espetou a sua lança na terra e a disse sua. Entre nós essa causa tem fundamento igual á dos outros paizes mas nasce acima de tudo d'um acirramento dos que hoje governam. Ha uma lettra por pagar ao povo a qual foi assignada no tempo da propaganda.

O fundo do portuguez é puramente sebastianista; isso ficou-lhe talvez d'uma educação inicial em que aos males d'um dia se dava o balsamo

da felicidade para o outro. Primeiro era o ceu que lhe offereciam depois um bom rei, por fim uma lenda que se devia cumprir, no nosso tempo uma republica em que haveria uma só meza e Portugal inteiro seria um phanlasterio.

Ontr'ora os sacerdotes com os seus gestos brandos aconselhavam a submissão a troco das delicias do paraizo a renuncia á felicidade no mundo em compensação das venturas eternas com anjos loiros esvoaçando n'um ceu azul e Santa Cecilia tocando na sua harpa. Para quem não acreditasse n'essas felicidades para alem da vida e as queria partilhar com os grandes accendiam-se fogueiras onde as carnes rechinavam a bem da fé, para tranquillidade das digestões dos senhores. Quando um principe ambicioso montava no seu ginete de guerra, se fazia seguir por uma ala polychroma de fidalgos e ia á conquista d'uma terra fronteiriça ou simplesmente atirar do throno abaixo um parente as hostes que o seguiam ouviam da sua bocca as bellas esperanças d'uma partilha em que os mais audazes teriam o melhor quinhão e não faltaria o pão a todos os da cohorte. Ganhava-se a partida e enquanto se faziam as festas do triumpho ou da coroação do vencedor o povo continuava na sua servidão e a ala mais chegada estalava os gibões empansinada com honrarias e despojos. Se alguém gritava contra a burla o carrasco com o seu capuz vermelho saltava-lhe sobre o pescoço a que se amarrava uma corda. Queriam estar altos? Pois ahí tinham a forcea.

Só a lenda promettendo tudo não assassinou ninguem, dirão. Não é assim. Os crentes n'um D. Sebastião que viria da sua ilha encantada trazer a felicidade a um povo foram tambem victimas da sua crença que primeiro se chamava o Desejado, depois duque de Bragança, D. Pedro II, o marquez de Pombal, 1820, D. Miguel e Carta Constitucional. D. Sebastião apenas mudava de nome e por cada mudança corriam rios de sangue dos crentes e içava-se uma chusma de tratantes ambiciosos.

A ultima ancia sebastianista intitulara-se: a republica.

Como os padres que promettiam o ceu, os reis que accenavam com a partilha, os exploradores da crença que fallavam nos largos benefícios da mudança os propagandistas deshonestamente affirmaram dar um futuro melhor para os trabalhadores e para a nação.

E foi porque aquelles esperavam essa obra realisada que do norte ao sul o povo esperou o D. Sebastião-Republica.

Era ouvil-os a levarem por essa cidade fóra a crença de que tudo se modificaria. Iam dizer ao operario que sua todo o dia puxandoomalho, arrancando o carvão das minas, lidando com a machina que amanhã os

seus salarios augmentariam e que os ricos teriam d'entrar um pouco na partilha dos seus bens dados em fórma d'uma alta de ferias. E não viam a forma de levantar industrias titubeantes, incapazes de darem maiores rendimentos.

O operario sentia então nos calores d'aquellas vozes revoltadas a sua aspiração secreta d'um bem estar futuro acariciada. Era mais um prato ao domingo, mais um copo de vinho ao jantar, era mais uma saia para a mulher que no lar fazia milagres d'economia, mais uma fita para as tranças da filhinha gracil que teria uma vida melhor do que a sua. Seriam as escolas profissionaes abertas com um largo desenvolvimento a fazer d'elle mais alguma cousa do que um automato a dar a vida a troco de pão. E era por isso que febrilmente se corria para as associações secretas como um bando de crentes prompto a derrubar o que impedia as suas venturas; e era por isso que se apalpavam coronhas ideaes d'armas, os factores da sua felicidade futura. Tinham todos a visão do Theodoro do *Mandarim*. O bem estar estava em puxar uma campainha e fazer morrer um grande senhor chinês que no fundo da sua provincia empregava os ocios em deitar pelos espaços exquisitos papagaios de papel?! Pois puxava-se a campainha.

Para o povo a felicidade estava em tirar d'um paço um rei adolescente a quem meia duzia de grãos visiros ludibriava e alguns centos de magnates mal defendiam. Pois que se puzessem em debandada os pachús e se affastasse com audacia as bayonetas. E isso fez-se com a crença no futuro.

Conquistada com essa esperanza sebastianica a cidade era necessario ir até aos campos e os prégadores da boa nova multiplicavam-se com tanta ancia que dentro em pouco já os havia, mais ignorantes ainda do que as massas ás quaes iam ensinar a revolta. Ellas porém, na inoculação do virus feita pela algarada das promessas não davam pelas syl-labadas.

O camponezahi por esse Ribatejo, onde saltam os novilhos, ouvin durante domingos a fio, alguns individuos que do alto de quatro taboas com duas bandeiras espetadas, fallavam nas propriedades nas mãos d'uns enquanto outros não tinham nada. E ao entrarem nos seus casebres acanhados, ao vêrem os pequenitos sujos rebolando na terra sorriam com ares mysteriosos ás mulheres annunciando-lhes um breve fim para as suas dôres.

Ellas mais desconfiadas não os acreditavam mas á força de sentirem a miseria deixavam-se embalar no sonho da esperanza exactamente como as suas avós a quem os missionarios promettiam o ceu.

Assim foram pelo paiz fóra, dizendo ao lavrador que ia atraz do seu arado, ao ganhão que se afadigava nas ceifas, ao arraes que levava

o seu barco de velas brancas, ao moleiro sentado na porta do seu moinho laborioso, ás mulheres cujos filhos iam crescendo, ás mesmas creanças a quem ensinavam cantigas, ainda como os padres por elles tão odiados — que um dia feliz chegaria para este povo soffredor e carregado d'impostos.

Como um rastilho a idéa propagava-se largamente. Os aldeãos como os operarios das cidades, os homens do mar como os mineiros, os pequenos funcionarios como os professores primarios foram ganhos para a causa. O dia proximo seria o grande fim das suas ambições. Oh! quando se mudasse!

Não era apenas para acabar com um symbolo, o monarcha porque viria outro, o presidente; não era para destruir a tradição que os seus braços se iam armar mas porque as suas ancias de bem estar seriam satisfeitas. Que importava uma familia diante da felicidade de tantas?!...

Por isso se foi para a revolta. Prégou-se mais a formula economica que a politica embora fosse esta o pendão e d'ahi as festas, as alegrias, as musicas, os canticos, o fetichismo quando se proclamou o novo regimen.

Chegara enfim D. Sebastião.

*

Não se contara, porem, com as classes conservadoras esteios de todos os governos e de todos os regimens, com o defeito capital das industrias incapazes de rivalisar com as estrangeiras; com os systemas primitivos da exploração agricola, enfim com a natural resistencia d'um outro factor da lucta: o proprietario. Acalmada a excitação das festas, a lua de mel do consorcio do povo com a republica, chegaram as exigencias; appareceram as letras a pagar. Rebentaram as grêves.

Então no Terreiro do Paço os improvisados ministros aterrados perguntavam uns aos outros se o povo os julgava milagreiros e a voz grave de Magalhães Lima, n'uma clara manhã, durante um almoço, dizia baixinho: Promettemos demais.

Era assim mesmo. O crédor agora estava fechando as lojas, abandonando as ferramentas, cruzando os braços, exigindo a sua parcella. Como os padres promettendo o ceu elles tinham promettido a maravilha. Os mortos jamais viriam reclamar á egreja a paga do seu compromisso mentiroso. Os vivos, os pobres, os que trabalham entravam porém a reclamar-o da republica.

Os seus caudillos podiam ter sido mais parcimoniosos — e alguns houve que jamais a troco d'applausos pintaram esses exageros de felicidades — que não appareceriam agora esses terriveis crédores. Mas isso,

a verdade dita claramente, a era de sacrificios que seria preciso atravessar, as forças de cada um empregadas no restabelecimento da energia do paiz — isto dito assim — bem o sabiam — atrazaria o triumpho. Teria sido melhor todavia fallar verdade.

Cahiram d'este modo na especulação do padre a negociar com o o que não podiam dar.

Eis como os extremos se encontram.

*

Ao mesmo tempo, veudo guindados ás altas posições do estado os promettedores, mesmo os de mais baixa cultura, o povo começou a sentir a desconfiança. Ao principio reclamou em ordem, depois veio para a rua gritar, foi para as galerias do parlamento berrar, como ha dias, os peores epithetos que os nossos ouvidos teem recolhido atirados a homens publicos.

O credor irritado insulta; muitas vezes vae mesmo além da escala natural da insolencia.

O devedor geralmente desculpa-se, explica-se.

Aqui o caso é differente ou antes é egual ao do tempo em que os repontões contra a fé iam para a fogueira, os irritados contra um rei iam para a forca. Alguns esquadrões da guarda republicana, duas companhias d'infantaria, trez ou quatro esquadras de policia e tudo se resolve.

Pela calada cercam-se as casas onde elles se reuñem, apagam-se as luzes das ruas, uma artilharia que não troou pela republica arrasta-se contra os edificios e levam-se os protestantes como um rebanho para bordo dos navios. Foi o que succeden com os syndicalistas, durante o consulado do sr. dr. Duarte Leite.

Assaltam-se as portas, tapam-se as embocaduras das ruas, prende-se uma centena d'homens que estão protestando n'um legitimo direito e levam-se entre escoltas tropeantes para um quartel. Foi o que succedeu com os ferro-viarios durante o consulado do sr. dr. Affonso Costa.

E diante d'esta noção de resolver o conflicto creado, de calar o fructo da sementeira largamente feita, o povo humilhado já anda para ahí a dizer:

—Que isto é agarrar n'um estadulho e desancar crédores.

Mas para isso ha a justiça. A dos tribunaes?

Ora... Essa já nós dissemos que é cega.

Existe a outra; a do crédor irritado.

A sabedoria das nações diz que elle costuma pagar-se por suas mãos.

O governador civil de Lisboa chamou ao seu gabinete a imprensa desde ha muito habituada a ser levada ali mas apprehendida e pedin esta cousa singular:

Que não publicasse noticias senão as de authenticidade absoluta com respeito á grêve.

Como podia a imprensa fazer a vontade ao chefe do districto?!... Ouvindo da sua bocca toda a verdade. Quer dizer a imprensa ia informar-se ao governo civil, tornando-se uma tuba do ministerio.

Dadas as antigas relações dos jornalistas com o governo civil onde teem ido reclamar, acerca da censura previa que ali se exerce como no tempo do sr. Pina Manique, e ainda pelos extorções feitos ao apprehenderem-lhes as gazetas, não haveria mais nada a fazer do que uma venia a S. Ex.^a e depois a imprensa com a mão *poderosa* no peito forte, exclamar:

«São tantas as amabilidades do governo para comigo já verificando se eu ando com a tunica levantada por uma aragem de revolta, já catando na minha cabelleira as ideas, que toma por piolhos pegados ao folhear as gazetas fieis, que não tenho outra cousa a fazer senão curvar-me para que não sejam pequenas as repartições do governo civil onde seriam guardadas as minhas folhas, o que poderia, tapando portas e janellas, causar a asphixia de quem é tão amavel que em vez de apprehender como de costume me fornece as noticias promptas.

E a imprensa fazendo isto pode despedir todos os *reporteres*.

Basta-lhe um: o sr. governador civil.

Para o crime de sensação tem informações directas dos policías que prendem sempre a victima e a levam para a esquadra da Morgue; para as noticias do estrangeiro ha as notas dos artigos que o governo paga elogiando-se por essa Europa fóra, para o folhetim possui s. ex.^a todas as aventuras da *formiga branca*; para o boletim parlamentar o que os seus jornaes costumam publicar: a endeusação do sr. Affonso Costa; para o *High Life* a nota preciosa de que quando o chefe do governo não faz annos está para os fazer e para a secção alegre: um authentic boletim das reuniões democraticas.

Se tivéssemos sido chamados até pediríamos ao sr. João Tudella a copia da poesia antimilitarista que o sr. Daniel Rodrigues recitou diante do ministro da guerra quando da installação da Sociedade Militar Preparatoria.

E n'isto, nós—como todos os collegas obedientes—teríamos prestado um serviço ás Musas que foram maltratadas, ao governo que poderia pedir corôas de louros para o partidario declarando-o Sublime como o declarou deputado e senador e ao publico que estalaria os cós a rir.

Mas não. . . Foi melhor assim. A gargalhada do Homero ainda ressoa nos ares.

O destino do *affonsismo* vai cumprir-se como o do *cabralismo*. O duro beirão d'Algodres sob as accusações de traficancias, d'attentados ás leis berrava aos seus partidarios: P'ra frente!

O duro beirão de Ceia, sob o chuveiro das culpas que lhe imputam, grita tambem: P'ra frente!

No fim d'esta phrase — á sorte ninguem foge — está o precipicio. Quem vai cair n'elle?! Um partido ou o paiz?

O golpe d'estado! O golpe d'estado! . . .

Clamorosas as opposições protestam contra o attentado do sr. Affonso Costa em relação ao senado. Teimando em não comparecer n'esta Camara enquanto fôsse presidida pelo sr. Goulart de Medeiros o chefe do governo, apoiado na sua maioria de deputados, fez reunir o Congresso o qual devia ser dirigido pelo vice-presidente do senado, na ausencia do sr. Anselmo Braamcamp. O partido democratico não o entendeu assim e quiz dar a presidencia da sessão ao parlamentar que dirige a camara dos deputados. Assim foi votado n'uma sessão memoravel em que o publico das galerias atirou sobre o governo todos os insultos e todas as coleras. Decidiu-se em familia, todavia, que o sr. Goulart de Medeiros não presidiria. Offerencia-se, porém, uma solução. O authentico presidente do senado estava em Lisboa. Bastava chamal-o, dirão, e a figura aristocratica do sr. Braamcamp appareceria na sua cadeira d'honra a gerar a paz entre os rixentos como um Jehovah veneravel pondo com um gesto calmo termo ás bulhas d'anjos rebeldes, n'um ceu de nuvens vermelhas e verdes e guiados por aquelle a quem as beatas, fazendo o signal da cruz tratam assim: Sume-te mafarrico!

O sr. Anselmo Braamcamp Freire, homem de estirpe, devotado ás letras, á historia e ás artes, levado para o partido republicano pelo mais sincero dos movimentos, continuou, todavia, como o pamphletario Rochefort, a ser chamado primo pelas marquezas. E' um homem com tradições d'educação, de nascimento e de gentileza e por isso, mesmo para gosar a paz, não iria quebrar a sua linha impecavel de gentilhomem pondo em cheque o seu collega e substituto; não iria, por indole e cavalhoirismo, metter-se n'uma pugna brava da qual sahiriam amarrotados o seu peitilho e o seu brio.

Além d'isso para alguma coisa elle é um erudito; sabe bem como atravez da historia surgem as nuhas dos politicos nem sempre cuidadas pelos manicuros. São suaves quando querem caricias, recurvas e vene-

nosas quando buscam vencer. Sabe-o pela historia e sabe-o por experiencia porque já procuraram feril-o na hora em que mais precisava da sua reputação. Escorrencias e lodo se revolveram, sem attingirem sequer o polimento das suas botas, quando foi um dos candidatos á presidencia da republica. Por tudo isto não iria ao Congresso e o sr. Goulart de Medeiros sentir-se-hia com o direito á cadeira onde os democraticos não o queriam nem pintado n'esta hora em que os ministros andam ganhando para o panejamento retratos realengos mas guardando todavia nas suas algibeiras as moedas da pitança com algumas effigies.

As opposições eram pelo sr. Goulart de Medeiros. Os governamentos eram pelo golpe d'estado. Cá estamos no *cabralismo* em que Palmella e Lavradio clamavam pela constitucionalidade na Camara dos Pares onde o *grande parvenu* d'Algodres não tinha maioria.

Em todo o caso o golpe d'estado do sr. Affonso Costa seria o mais singular dos até hoje com honras de paginas historicas.

Bonaparte, primeiro consul, com as dragonas poalhadas pela gloria das campanhas d'Italia e do Egypto apparecendo diante do conselho dos quinhentos, pallido, nervoso a bradar contra o Directorio e ouvindo o berreiro dos eleitos, tinha a grandeza audaciosa d'um homem do destino.

Aquillo acabou com quinhentas bayonetas fazendo saltar pelas janelas da Orangerie os membros do conselho afflictos

Nasceu o consulado do futuro Cesar. O 18 de brumario é ainda um galho d'epopea.

O general Pavia foi imponente atravessando as ruas de Madrid com alguns batalhões, coberto pela fama do pronunciamento de Prim, das repressões de Sevilha, Cadiz e Cordova, montado no seu cavallo, brilhante e bravo, ao mandar dois jovens ajudantes de campo significar aos buliçosos republicanos do Congresso, a que o povo chamava *el tren de tercera*, tal a qualidade dos delegados, que a sua missão estava terminada.

O golpe d'estado de Madrid teve ainda ao menos o sempre fremitante tinido d'espadas promptas a desembainhar-se e não das que raspam faulhas nas pedras das ruas no delirio da fuga.

Ha dias ainda no Mexico, Huerta e na China o dictador Yun-Chin-Kai puzeram fóra das camaras com toda a desfaçatez os deputados que não os apoiavam. Violaram a constituição com o auxilio d'armas, atrevidos, promptos a tudo, enfim como valentes.

O sr. Affonso Costa negando ao vice-presidente do Senado o logar que a lei lhe conferia atropelaria tambem a constituição, faria um golpe

d'estado mas com ronha não com armas, com a manha não com grandeza, como um rabula não como politico. Faria um golpe d'estado com um officio. Empregaria amanuenses e não soldados. Poderia chamar-se a isto o golpe dos mangas d'alpaca dado com a raspadeira burocratica.

O 18 de brumario nasceu da audacia d'um jovem general que queria um throno.

Foi uma ambição tão grande como o homem que a sonhou e a realison pondo na sua cabeça de soldado a corôa de Carlos Magno.

O 2 de Janeiro em Hespanha gerou-se da ancia d'um bravo capitão farto de vêr a tradição hespanhola enrodilhada por ambiciosos desenfreados. Foi um gesto de paz feito com uma espada.

O 26 de Janeiro seria o feto rachítico d'um estadista vindo da revolução para reorganisar um paiz e que continuaria a revolucionar-o parecendo ter-se rebellado outr'ora para se impôr depois.

18 de brumario pertence á Historia com H maiusculo como o 2 de Janeiro. O 26 de Janeiro, nos seus intuitos pertenceria a um cadastro; nas suas sequencias poderia ficar como o inicio d'uma chronica d'irreparavel desastre.

A acção é tudo; a forma de a realizar pouco influe. Escarrar na cara d'um policia ou cuspir-lhe no capote é do mesmo modo um desacato.

*

A algumas horas do facto d'essa reunião do Congresso, perguntamos a nós mesmos como procederiam as opposições.

Disputariam o logar da presidencia?!

Para isso seria necessario o conflicto e imagine-se então as galerias revoltas; a sala invadida, o povo partindo as cadeiras e a *formiga branca* puxando das pistolas; gente que berraria, mesas no ar, alguns dos srs. ministros com os laços das gravatas desfeitos, o titular da guerra bradando pelos seus soldados que teem andado a aprender a cantar, como se tivessem um futuro nos côros de revistas, o sr. Affonso Costa procurando o cocheiro do coupé 44, do seu carro de guerra e junto d'elle imaginando n'un habito vêr por toda a parte janellas, como nos dias d'outubro, muitos dos seus amigos perceptitando-se para debaixo das carteiras.

Seria o *chinfrim*. Uma parodia em que haveria coronhadas ao acaso; uma bernarda local com alguns cachações. E d'ahi para o paiz mais uma rixa que por ser entre muita gente de representação se chamaria nas gazetas: pugilato colectivo.

Iriam as opposições reunir no Senado sob a presidencia do sr. Gonçart de Medeiros enquanto os governamentaes se reuniriam na Camara

dos Deputados sob a direcção do sr. Victor Hugo—ha padrinhos terriveis —Continho?!

Mas n'esse caso seria o schisma ou antes o plagiato do papa de Roma e do papa d'Avinhão: o sr. Medeiros Clemente V no Senado, o sr. Victor Continho Bonifacio VIII nos Deputados.

Seria ainda a desordem e justo é dizer-se que o governo a provocaria tanto como é d'uso fazer o Pintor em dias de bem bebido.

Succederia por exemplo que as opposições se absteriam de comparecer no Congresso e no Senado exactamente como a maioria do paiz diante das urnas nas ultimas eleições?!

N'esse caso seria o triumpho perenne do *affonsismo* pegado d'estaca para só cahir com um furacão.

Seriam todos os poderes na sua mão; os governadores civis e o chefe d'estado, os administradores e os altos funcionarios, os cabos d'ordens e os diplomatas, os regedores e os deputados. Seria o consulado em vida; seria o imperio do *costismo*. Portugal tornar-se-hia n'um feudo e Ceia poderia ainda figurar na historia como o berço feliz d'uma dynastia rara.

N'este caso, como quando Costa Cabral pretendeu destroçar todos os seus adversarios competiria aos chefes politicos, aos officiaes revolucionarios, a todos os culpados d'essa anomala situação fazer como José Estevão que correu a revolucionar as Beiras, como os Passos que foram agitar o norte, como os generaes d'então, dividindo a contenda com as espadas.

Saltar sobre a lei por uma teima é peor que fazer uma dictadura por um legitimo decreto real; apossar-se d'uma situação com a fingida nota legal é peor que tomal-a de assalto com bayonetas. N'este caso o logar dos srs. Antonio José d'Almeida e Brito Camacho com os seus amigos e os seus partidarios, o dos srs. Machado Santos e Carlos da Maia, com os seus companheiros não seria nas redacções nem na disponibilidade. Se não ó mudassem dentro em pouco teriam a sorte de todos os que poupam a sorte dos inimigos.

Seria essa paralysação o ponto final da historia dos principios. Quem andou sempre clamando por liberdades não pode consentir que as estrangulem; quem andou pedindo á monarchia legalidade se não fór a sentinella vigilante d'ella dentro da republica, propagandeada como impecavel, afunda-se para sempre na execração.

E então isto tudo acabaria como as classicas scenas das tertulias bohemias.

Certa noite, com o desditoso *Pad Zé* ao entrarmos no Silva, deparamos com a cara de paschoa d'un antigo conselheiro passando no intervallo da porta d'un gabinete d'onde chegava a balburdia d'uma copla de *zarzuela*:

Tengo dos lunares

Tengo dos lunares

O homem ria babado de goso, suada a calva, o collarinho desatado a chamar o creado o por detraz d'elle, com um riso largo na bocca, apparecia a ponta d'uma barbicha de fauno enquanto as raparigas excitadas iam berrando por entre a canção vivas subversivos e a favor da republica hespanhola.

De repente no mais acceso do berreiro e enquanto o moço entrava com as bandejas dos licores, distinctamente ouviamos depois d'um viva a *la republica en España*:

E en Portugal!... En Portugal!...

Palmas, vivas, uma sarabanda, um tilintar de copos e de chofre a vosita mais alegre que tem atravessado a fronteira gallega, os olhos mais negros d'alem Minho brilhando de malicia e de chartreuse, a apoia-rem, soou:

— *E el presidente Cuesta!*

O *Pad Zé* deitou-nos a mão a um braço e fomos d'escantilhão para a sala enquanto na nossa rectaguarda se ouvia, sempre na atmospheria densa do fumo, no argentino retintim das taças, o mesmo berro subversivo para Affonso XIII, o mesmo grito entre vaticinador e cinico da galleguita e a *scie* de tonta da outra:

Tengo dos lunares

Tengo dos lunares

E aquillo devia acabar como é d'uso terminarem as ceias em que se servem *mayonaises*, venenos da Chartreuse por copos lapidados e raparigas do paiz visinho: no vomito.

Como acabaria esse acto tremendo seria assim.

*

Lisboa, 26 de janeiro de 1914. Depois da sessão historica do Congresso.

*

Finalmente o sr. Braamcamp Freire cortou o nó gordio em nome da tranquillidade que lhe pediram. Presidiu ao Congresso. Ia-se porém atando um nó cego. Chegava a ter um certo ar grave a Camara n'essa tarde parda em que o governo teve o seu addiamento de dez dias para se reorganisar ou para se atirar abaixo e renascer das cinzas, phenix de pennas desbotadas, para apparecer sob outro aspecto ou para cahindo ser com a maioria uma perturbação nova.

Aquillo, com o seu povolen nas galerias, os srs. parlamentares em baixo, a luz descendo mal filtrada, gerando uma penumbra, era como um rio ao cahir da noite com pescadores emboscados estendendo as rêdes manhosamente.

O que se julgava seria uma bola de sabão desfazendo-se no ar depois d'uma algazarra foi um estampido. O sr. Braamcamp Freire depois do addiamento passou a cadeira ao sr. Azevedo Coutinho para a votação da proposta relativa ás funcções futuras do Congresso.

E o berreiro das opposições chegou; as carteiras sentiram nos seus tampos as mãos indignadas dos legisladores enquanto a maioria calma, como um glutão digerindo, via os gestos desordenados dos adversarios que faziam cavalgar sombras nas paredes onde a Ordem e a Lei pareciam sorrir e nas suas faces de pedra terem o ar de pessoas muito habituadas a não servir para cousa alguma exactamente como os chefes dos estados. Clamorosas as opposições retiraram-se e jamais a sala dos Passos Perdidos mereceu mais o seu nome. Todos os passos dados tinham sido exclusivamente* perdidos até ali.

Tentava ainda o governo levar por diante a sua idea sobre o senado mas n'uma agitação enorme das galerias tudo aquillo se ia modificar. O governo desistia mas tentava assegurar o seu fim.

O *Diario do Governo* embrulharia ainda as opposições?

Duas bolas de sabão a desfazerem-se no espaço dizia-se mas fallava se muito em outra especie de bolas. Os meridionaes são assim. Diante d'um namoro que os atraiçoa, d'um chefe que lhes ralha, d'um governo que os tyrannisa, d'uma bota que lhes desprega juram assassinar a traidora, derrubar o ministerio, partir a cara do sapateiro e no fim a mulher tem blandicias, o gabinete tripudia, o artifice não perde o freguez.

Agora o duro beirão de Ceia poderia repousar dez dias, descansar os nervos lassos, arranjar mais força para sorrir com a sua lapella florida de rosas vermelhas, das primeiras do anno e que veem de Sevilha ou de Nice para a sua botoeira como se ellas fossem cristas rubras d'um gallo que cantasse triumphalmente o seu *cocorocó*.

Com um empurrão alijará um ministro ou com um salto atiral o-ha abaixo a fazer trampolim da sua maioria para se içar de novo ou então descansadamente esperará que chegue do Rio de Janeiro o sr. Bernardino Machado para o pôr em scena ficando por detraz titeriteiro do acaso mexendo os cordeis do mais affavel dos politicos portuguezes na exterioridade, o mais renitente no amago?

O sr. Affonso Costa moverá o seu fantoche?

As cousas suaves que elle não deseja fazer para não perder o seu publico de jacobinos o mais cordeal dos homens o faria ao puxão do seu

cordel. Viria a amnistia para os politicos, decerto já trazida como uma imposição embora discreta e quando a rua clamasse contra o acto, o sr. Affonso Costa mostrando os punhos encarnados diria :

Que querem, foi o Bernardino... Aquelle homem é todo bondade...

Não é a rua que faz os presidentes de republica embora alguma vez aclame reis e o acto de clemencia do presidente d'um ministerio futuro abrir-lhe-hia o caminho para Belem. Seria o carro electrico sem riscos de descarrilar na Pampulha.

Para isto não mereceria a pena ter o sr. Anselmo Braamcamp arriscar-se a quasi amarrotar os punhos de bretanha do velho bragal fidalgos dos Cruz Sobral.

Lisboa ouve estampidos e Lisboa, a burguezia, estremece. Mais alguns e começará a emalar a roupa.

Trata-se d'uma revolta?!

Não. É simplesmente uma turba que vae passar em saudação ao chefe do governo.

N'esta noite mysteriosa que se avisinha sentem-se os ferro-viarios ludibriados, até agora, os seus lares sem pão dentro em pouco, as suas decepções de crédores.

Mas no ar vão estalar foguetes, as musicas vão soar, um rumor de apothese d'um bando se ouvirá e logo os estampidos amortecidos, as luzes apagadas, tendo o sr. Affonso Costa enfiado o seu barrete de dormir, os cidadãos na paz dos lares sentirão que tudo acabou bem? No seu sonho febril de nervoso o presidente do conselho verá realmente Ceia o provavel berço d'uma dynastia?

As prophcias anicham-se ás vezes... n'uma galleguita tonta no Silva fóra d'horas?!

Noite alta. Não succedeu assim. O crédor pediu a paga; o sr. Affonso Costa teve uma decepção. Bombas estalaram e em vez da apothese teve o fracasso, cahiu e com elle o ministerio.

Os jornaes vão poder circular sem censura mas as maiorias não perdoarão terem aquellas rosas vivas da botoeira do beirão ficado como cristas murchas d'um gallo que perdeu as pennas de pavão com que se enfeitara.

A batalha não acabou, porem. O duro beirão de Ceia será como o d'Algodres ainda e sempre o perturbador.